



**PRESENTE** — Ruth Cardoso desafia a maldição do cocar em encontro de índias. Elas cobram assistência do governo. Página 14



Ruth Cardoso foi presenteada com um cocar pela índia Terena Jupira e ouviu críticas sobre a falta de assistência

# Índias criam associação para defender direitos

Cláudia Valente  
Do equipe do Correio

As mulheres indígenas assumem o papel de guerreiras. Elas se dizem prontas para lutar por seus direitos. Para isso, organizaram o 1º Encontro Nacional de Mulheres Indígenas que começou ontem em Brasília.

São 45 mulheres vindas de todos os pontos do país representando 21 nações indígenas. Em debate, os problemas mais freqüentes hoje nas aldeias: o alcoolismo, a prostituição, a violência sexual contra a mulher, o suicídio e a demarcação das áreas indígenas.

Um pouco perdidas em matéria de organização sobre como direcionar os debates, as mulheres reunidas ontem, em círculo, à sombra de uma árvore, decidiram que desse encontro nasceria uma associação nacional para defender seus direitos.

Decidiram, também, que na quinta-feira, ao fim do encontro, estará pronto o documento com suas reivindicações e que será entregue à primeira-dama, Ruth Cardoso, ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, e ao presidente

da Funai, Márcio Santilli.

**Cocar** — A antropóloga e primeira-dama Ruth Cardoso compareceu ontem para a abertura do encontro. Ouviu queixas de líderes indígenas que reclamavam da falta de assistência do governo e foi presenteada com um cocar pela índia Terena Jupira, de São Paulo.

Questionada sobre o Programa Comunidade Solidária, Ruth informou que 7 mil indígenas de cinco tribos do Espírito Santo e Minas Gerais já receberam fubá, macarrão e arroz, dentro de um projeto que atinge áreas de maior risco.

Recém-chegada de Pequim, onde participou da Conferência Mundial das Mulheres, Ruth Cardoso elogiou a organização das mulheres indígenas. "Cada vez que nasce uma associação é mais um reforço de luta", afirmou.

O encontro está sendo organizado pelo Fundo de Desenvolvimento para a Mulher (Unifem), Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), Conselho Mundial dos Povos Indígenas (CMPI) e pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

## Ruth Cardoso ignora maldição

Ao se deixar enfeitar com um cocar indígena, a antropóloga Ruth Cardoso mostrou não acreditar na chamada "maldição do cocar".

Mas que ela existe, existe, segundo garantem políticos que não passam nem perto do adorno indígena já usado por Mário Andreazza, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Fernando Collor, entre outros menos afortunados.

A partir de uma lenda segundo a qual os objetos indígenas seriam fonte de azar, os ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco, por exemplo, sempre declinaram desse tipo homenagem.

**Precursor** — Quem inaugurou a série — e as desconfianças — foi o ministro do Interior do Governo Figueiredo, Mário Andreazza.

Depois de um conflito entre o governo e os índios Txucarramãe do Baixo Xingu, a paz foi celebrada numa solenidade no Ministério, quando o ministro foi "condecorado" pelo cacique Raoni com um vistoso cocar azul.

Com ambições de se candidatar à Presidência da República, Andreazza foi, no dia seguinte, primeira página de todos os jornais.

Mas, poucos meses mais tarde, perdeu a convenção do PDS para Paulo Maluf e afastou-se da política. Morreu longe da vida pública.

**Collor** — Tancredo Neves também foi homenageado pelos índios e usou o cocar. Ulysses Guimarães, presidente da Câmara, também não escapou. E Fernando Collor foi, na visão dos supersticiosos, o exemplo mais recente dos efeitos do cocar.

Ruth foi presenteada com colares, braceletes, potes, e colocou um cocar de penas de águia. "Ela não precisa se preocupar, porque esse dá sorte", brincou a xavante Miriam Tsibodowapre.

## Anciã de 100 anos reclama

Maria Pirajá tem 100 anos, mora na aldeia São José, em Tocantins. Ela é a mais velha índia participante do encontro. Sorridente, fala com a sabedoria permitida à sua idade, num linguajar simples entremeado por palavras de seu dialeto. "Do jeito que tá num dá pra ficar, né? Por isso vim aqui".

Solange Gabriel tem 18 anos, é a mais nova das 45 mulheres e cursa o primeiro ano do curso de Direito. Ela é da tribo guarani, em Santa Catarina.

Assim como Pirajá, sabe se fazer

ouvir pelas companheiras pela coerência de seus argumentos: "Queremos ter direito à carteira de trabalho e a ter salários como qualquer outra mulher branca".

Mais calada, ouvidos atentos, Lúcia Sônia, 35 anos, índia caiuí, de Dourados (MS), com voz quase inaudível, diz para que veio: "O suicídio é alto na minha aldeia. Velhos e crianças estão morrendo com corda no pescoço. É por causa da fome e da bebida. Quero que alguém resolva isso. Não agüento mais ver meu povo acabando". (CV)